

Alunos quebram as carteiras

SÃO PAULO — Bastou um minuto para que 35 garotos de 14 a 17 anos arrebatassem todas as carteiras de uma das 14 salas de aula da Escola de Primeiro Grau Francisco Rowell, no Grajaú, periferia da Zona Sul da cidade. Não se trata de um fato inusitado. Afinal, a Rowell é uma das mais depredadas entre as 5.470 escolas públicas espalhadas pelo estado de São Paulo, segundo atesta, baseada em sua experiência, a pedagoga Maria Helena Nech, coordenadora da Gerência de Manutenção das Escolas da Fundação para Desenvolvimento da Educação, órgão do governo estadual.

O professor saiu para buscar um livro e deixou os alunos sozinhos na sala. Uma provocação feita por brincadeira, conforme os meninos contaram depois, foi o suficiente para detonar a guerra. O barulho chamou a atenção de outros professores, que correram para acalmar os estudantes e evitar um tumulto maior. Ninguém saiu machucado, mas as carteiras ficaram num estado irrecuperável. "Já faz um ano, só que pode acontecer de novo a qualquer momento", teme a escriturária da escola, Lair Rabello.

A "revolução das carteiras", como o episódio é conhecido na escola — uma construção de dois pavimentos, de tijolo aparente, concreto e cimento no chão, onde virtualmente tudo que é quebrável está quebrado — provou a necessidade urgente de se contratar um policial militar que protegesse o bem público. Mesmo assim, não foi possível impedir o arrombamento de portas, a destruição dos vasos sanitários e o roubo das mangueiras contra incêndio. Nem a merenda, que inclui um copo de leite e um acompanhamento que varia entre um prato de sopa, um pão com manteiga ou gelatina, ficou intacta. Há cerca de um mês, apesar das grades pontiagudas e dos pesados portões de ferro que cercam a escola, dezenas de moleques invadiram o pátio na hora do recreio. "Foi um pandemônio", lembra a servente Dalva Ferreira de Carvalho. "Os invasores davam gritos histéricos, corriam sobre as mesas e saíram correndo do jeito que entraram".

Entender por que se roubam merendas não é uma questão difícil. "Essa é uma região de muita pobreza", afirma uma das professoras do Francisco Rowell, Maria Mirtez Nery. "Tenho alunos que vêm na escola só para comer", lamenta. O mais complicado é descobrir o que leva pessoas a praticar atos de vandalismo, como quebrar vidros, destruir a cerca da quadra de esportes e estourar as lâmpadas das salas de aula. "São pessoas totalmente ignorantes, que jamais perceberam a importância de uma escola e que nunca tiveram capacidade para assimilar ensinamentos", opina a psicóloga social Maria Helena Steiner, da Universidade de São Paulo.

Ignorância, revolta ou fome, nada disso convence o garoto Lucas Carlos de Oliveira, 13 anos, estudante da 3ª série. "Quem quebra a escola é porque não gosta de estudar", acredita. Lucas e tantos outros alunos que estudam com ele sabem quem são os "devassadores": trabalham à noite pelas redondezas. Nenhum, porém, se atreve a apontá-los.